

Diante da instabilidade que atravessa o tecido social, não haveria outra postura que não fosse essa, instável. No entanto, compreendendo a arte como antítese social da sociedade (Theodor Adorno), **Instáveis** é também o negativo do que se deve denunciar; assim a arte ilumina e surge como contraponto da barbárie que estamos vivenciando no atual momento civilizacional. Naquilo em que nos movemos, o abismo da linguagem é caráter fundamental. Espécie de tentativa de ordenação provisória de afetos do atual estado de coisas. Operação necessária e por isso mesmo complexa de ser ativada numa escrita coletiva.

**Instáveis** é nosso significante ativador do traço: título da presente exposição evoca algo no campo do duvidável, eventual, incerto ou até mesmo perigoso e pode ser pensado como um convite a uma reflexão sobre a tensão gerada por um tempo complexo, marcado por céleres e importantes mudanças na contemporaneidade.

**Instáveis** é um encontro com a arte e traz em seu fundamento o desejo de oferecer um locus no qual áudio e videoinstalações, fotografias, objetos e pinturas possibilitam um diálogo sobre o mundo em suas subjetividades. Onde o olhar e a escuta do espectador estão constantemente interpelados, as obras dessa exposição, ordenadas em torno dos conceitos palavra, corpo e paisagem, sofrem torções e provocam digressões e polarizações.

A exposição conta com obras de alguns artistas de São Paulo, Belém, Rio Grande do Sul, Brasília, México, Inglaterra e Rio de Janeiro que, através da imagem e da palavra, constroem uma linguagem, alinhando seus trabalhos, em uma tentativa de expressar, de maneira menos prosaica e mais essencial, aquilo que se vive e sente. A curadoria coletiva enfrentou o desbordo dos corpos de artistas que se encontram na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, sob a provocação de Sonia Salcedo del Castillo, para a criação deste espaço de forças moventes dos trabalhos.

Ainda que singulares, os trabalhos do núcleo Palavra se identificam sob o modo de sintaxe poético-áudio-visuais e modificam o olhar ao produzir um intervalo entre o que não existe e que está prestes a existir. Diferentemente de *1984* que evoca uma linguagem obsoleta que ainda reverbera em nossos tempos, *Entre linhas e dentadas*, *Palavras pendentes* e *Membros parasitas*, obras que subvertem discursos e falas políticas, *Palavra escrita* se inscreve no universo formal borrando os limites entre o ato fotográfico e a arte digital.

Na interseção de corpo e palavra, a voz autoritária ecoa da instalação sonora *Fronteira* e atua como barreira ao ir e vir do cidadão estrangeiro. Por sua vez, a pintura *Reação adversa* simboliza um movimento de decolonização da língua portuguesa, praticada no Brasil, e o resgate de sua origem africana. O imprevisto da linguagem se materializa na palavra-cor-encarnada e sua qualidade antitética que está impressa nos bordados e curativos das capas de almofada em *Tempo templo*.

Se temos aqui uma presença do corpo pressuposta, não há como dissociar os trabalhos de uma visada sobre a presença feminina na arte, como na insólita potência do corpo e da paisagem em *O sertão é Kent, Kent é o sertão*. Força e resistência

criam uma constante tensão entre o movimento exercido pelo corpo da artista e a imobilidade e aridez na extensão do campo de feno. *Paisagem ampliada* torna visível o que o olhar não captura por si só. Exige um tempo para observar o movimento de seres e coisas que transitam em um universo oculto, um convite à redenção?

Em um tempo em que parece não haver mais espaço para a manutenção de um *status quo*, motivada pelo conformismo e o medo, o processo de expandir a visão e a escuta é convocado por artistas que ofereçam diferentes e até mesmo contraditórias perspectivas no modo de dar sentido ao mundo.